**Amálgama I - Toxicidade**

1. Marque as alternativas verdadeiras
	1. No que se refere à contaminação ambiental e à toxicidade humana, o risco que o mercúrio de uso odontológico oferece pode ser reduzido a níveis inofensivos, desde que tomados os cuidados que sua manipulação exige.
	2. No consultório, é preciso prevenir, em primeiro lugar, os riscos a que se expõem as pessoas que mais frequente e intensamente tomam contato com o mercúrio: a equipe odontológica.
	3. Não parece razoável o ataque antiamalgamista com o objetivo de melhorar a “saúde do Planeta”, porque terá um impacto desprezível sobre ela, ao mesmo tempo que privaria muitos pacientes de um material acessível e de eficácia garantida para restauração dentária.
	4. As propostas para lidar com os perigos da toxicidade do mercúrio são radicalmente diferentes: enquanto alguns querem impor a proibição absoluta do seu uso (“mercúrio zero”) outros defendem apenas as ações dirigidas a minimizar os riscos, admitindo a redução do seu uso ao mínimo indispensável para não se privar de benefícios que só o mercúrio pode proporcionar.

Resposta: todas são verdadeiras

1. Qual é a forma de mercúrio que se manipula no âmbito odontológico?
	1. Hg0, metal líquido à temperatura ambiente
	2. Hg++, íon mercuroso que forma sais pouco estáveis
	3. Hg2++, íon mercúrico
	4. CH3 Hg+, metil mercúrio
	5. (CH)3 Hg2, dimetil mercúrio

Resposta: a

1. O conjunto de sintomas abaixo se refere a qual doença?
	1. inflamação gengival, mobilidade aumentada dos dentes, excesso de salivação com aumento do volume das glândulas salivares
	2. rubor na face e lesões de hiperqueratose pelo corpo
	3. tremores, vertigem
	4. alucinações, depressão, ansiedade, labilidade emocional, insônia, irritabilidade, perda de memória, pesadelos
	5. alterações renais leves, inapetência, anemia.

Resposta: Mercurialismo (também denominado Eretismo, ou Hidrargirismo), que se trata de uma intoxicação crônica com mercúrio metálico

1. “A possibilidade de biotransformação do mercúrio metálico, o mecanismo de bioacumulação e sua conexão com o desastre ocorrido em Minamata costuma ser enfatizado para justificar o banimento do amálgama.”

Discuta a afirmativa acima.

É verdade que o mercúrio metálico pode ser biotransformado em mercúrio orgânico e, por isso, temos que ter uma atitude responsável de cuidar dos descartes de amálgama. Mas, o mal de Minamata ocorreu pelo descarte de um total estimado de 200 a 600 toneladas de metil mercúrio na baia, por uma indústria local.

A quantidade de metil mercúrio proveniente da biotransformação de mercúrio utilizado para produzir amálgama pode ser considerado insignificante em comparação com as outras fontes. Ou seja, o banimento do amálgama seria ineficaz para resolver problemas de contaminação ambiental por metil mercúrio.

1. Nas aulas práticas, são feitas recomendações específicas para evitar a contaminação por mercúrio. Justifique o porquê de cada recomendação abaixo:
	1. Uso do equipamento de proteção individual (EPI): gorro, máscaras e luvas.

O EPI não oferece uma proteção direta quanto à contaminação por mercúrio. A máscara não é capaz de filtrar os vapores de mercúrio dissolvidos no ar, nem a luva é capaz de impedir a absorção pela pele, caso o aluno toque na massa fresca. Mesmo sem oferecer proteção adicional, exigimos o uso de EPIs nas aulas de amálgama para que os estudantes, pela novidade do seu uso, tomem maior consciência de estar trabalhando com um material que exige cuidados especiais e os sigam estritamente.

* 1. Não tocar na massa fresca

Se tocarmos a massa de amálgama com as mãos (mesmo que estejam com luvas), o mercúrio fresco pode ser absorvido pela pele.

* 1. Descartar resíduo no pote com fixador

Quando os restos de amálgama ficam imersos no fixador ele não liberam vapor de mercúrio no ambiente. Isto ocorre porque o vapor de mercúrio se liga com o enxofre do fixador, formando o cinábrio, que é um minério de mercúrio insolúvel e estável.

* 1. Deixar cápsulas utilizadas na bandeja

Para dar para este material contaminado por mercúrio um descarte apropriado.

* 1. Lavar bem os materiais usados. Só depois esterilizar.

Se o instrumental com restos de amálgama for esterilizado com uma fonte de calor (autoclave ou estufa), será gerado muito vapor de mercúrio. Esta recomendação é especialmente crítica com porta-amálgama metálico, onde o risco de ficar resto de amálgama no instrumental é alto.